

# Geoestratégia Russa no Cáucaso<sup>1</sup>

Therezinba de Castro\*

Elaborado em novembro de 1999, o artigo apresenta a realidade geopolítica do Cáucaso e a estratégia da Rússia para mantê-lo sob seu domínio. Mostra a fragilidade dos *direitos humanos* e da *nova ordem mundial* diante da verdade histórica dos povos.

**N**o momento em que os europeus se rivalizavam na conquista dos oceanos iniciada pelos portugueses, Ivan, o Grande, libertava seu povo moscovita do jugo tártaro (1480), declarando-se *Soberano de Todas as Rússias*.

A fase expansionista por ele iniciada seria continuada por seu filho, Vassili III, cabendo, no entanto, a seu neto, Ivan, o Terrível, empurrar a fronteira oeste para o Báltico, confinar os tártaros para além do Volga e, no sul, recuando os russos até a margens meridionais do Cáspio, che-

gar até a Caucásia. Esse espaço geográfico, esfacelado em vários complexos geopolíticos, seria, a partir de 1921, ocupado por várias repúblicas soviéticas. No contexto geral, na fase da bipolaridade terminada em 1990, conclui-se que o Bloco Ocidental, comandado pelo Pentágono, formava um apêndice periférico tassalocrático, envolvendo os oceanos desde o Ártico, passando pelo Atlântico e Índico, até chegar ao Pacífico, enquanto a geocracia do Kremlin dominava a Eurásia envolvida pelos mares Báltico, Branco, Kara, Azov,

Aral, Cáspio e Negro. Embora sem envolver todo o *heartland* de Mackinder, essa geoestratégia russa se atinha à diretriz de *Moscou, porto dos sete mares*.

## PANORAMA GEOGRÁFICO

A Caucásia é região situada entre os mares Negro e Cáspio, onde a cadeia montanhosa do Cáucaso se apresenta como uma sucessão de dobramentos paralelos separados por profundos vales ou gargantas, com destaque para Krestovil, Mami-sonsk e Klukhorski.

\*Professora. Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.

<sup>1</sup> Selecionado pelo PADECEMI.

O Cáucaso se desenvolve numa longitude de 1.280 km, com larguras variando dos 60 aos 260 km. A altitude média se encontra, em geral, entre os dois mil metros, estando no Elbruz (5.642 metros) o ponto mais alto.

Seus lagos mais destacados são o Sevan e o Mínguecho. Para a vertente do Cáspio, correm os rios Kuma Terek e Samur, sendo o Kubar a mais importante hidrovia que segue para o Mar Negro. Esses rios, de pequenos percursos entre as montanhas e dois mares, arrastam grande quantidade de sedimentos depositados em forma de bancos e ilhas, que obstruem seus cursos inferiores.

A vertente ocidental caucásica é bastante úmida, sendo por isso coberta por floresta, enquanto a ocidental é mais seca.

O Cáucaso vai caindo progressivamente até desaparecer nas planícies da Geórgia e Azerbaidjan. Barreira dificilmente transponível, o complexo montanhoso divide a região geográfica da Caucásia em: Ciscaucásia no norte, fazendo parte da Europa e mais contígua à Federação Russa, e Transcaucásia no sul, integrando a Ásia, mais envolvida com o Iran e a Turquia.

## PLURALISMO GEOPOLÍTICO

O dualismo do Cáucaso transforma a área, ao mesmo tempo, em lugar de passagem e refúgio.

Lugar de passagem norte-sul pelas Portas de Ferro, que controlam, na altura de Derbent, a ferrovia costeira ao Cáspio, elo de ligação entre as estepes russas ao Planalto Iraniano, bem como pelo Vale do Araxe, no Nakhitchevan, que abre caminho para Tabriz, no Iran, e segue para a Anatólia. Lugar de passagem à Transcaucásia, onde se destaca o Monte Ararat (5.160 metros), entre o Cáucaso e os planaltos da Armênia, surgem duas depressões abrindo-se na direção do Cáspio e Mar Negro. Essa região, pela Cadeia Táurica (1.543 metros) do sul da Criméia se une pelo Cáucaso aos Bálcans, estabelecendo assim uma ponte natural entre as duas áreas, contribuindo para que povos da raça branca - armênios, georgianos e azerbaidjanos - tenham se instalado na Transcaucásia.

Lugar de refúgio facilitado pelo sistema montanhoso, cujos numerosos vales abrigaram povos de origens

diversas, testemunho de grandes invasões que começaram com os citas, chegando aos kalmukes vindos pelas estepes russas já no século XIX.

No sul, o Vale do Kura, abrigando georgianos, desde o século II a.C., nas proximidades do Mar Negro, via na ribeira do Cáspio se instalarem os turcos azeris e, ao mesmo tempo, os turcos otomanos da Anatólia, entre os séculos XI e XIII, enquanto o centro de gravidade dos armênios vindos dos Bálcans (século VIII a.C.) passava a ser as imediações do Lago Sevan e Alto Karabak.

Complementava o pluralismo geopolítico os russos que, ocupando a Geórgia (1783), o Azerbaidjan (1813) e o norte da Armênia (1828), bem o sabiam que entravam numa área de mosaico étnico constituída por povos rivais. Povos rivais que conservam seculares hábitos de vida, graças a essa autêntica fortaleza natural que o Cáucaso forma como montanha de refúgio.

Área que, se tinha o Império Russo no norte, era lindeira da Turquia e Iran no sul. Assim, além da dificuldade de operações nas altas montanhas, iriam os russos colidir com uma

zona de expansão recente do Islam, onde passavam a agir confrarias não só religiosas mas também políticas das mais ativas. Caberia, nesse contexto, ao Iman Chamil, congregar tribos da Chechênia e Dagestan, na vertente nordeste do Cáucaso que

### CISCAUCÁSIA

A linha de crista do Grande Cáucaso separa a Kalmúkia e a Federação Russa de um não só intrincado como explosivo conjunto geopolítico instalado na Ciscaucásia.

procurando anular a secessão para promover a união com o território de Krasnodar.

O desmembramento da República Gorskaja (1921-24) contribuiria para a formação de pequenas entidades plurinacionais. Assim, a República Karatchévia-Tcherkêssia,

UNIDADE ADMINISTRATIVA	ÁREA (KM <sup>2</sup> )	CAPITAL
República Autônoma da Adigueia	7.600	Maykop
República da Karatchévia-Tcherkêssia	14.100	Batalpachinak
República de Kabardino-Balkária	12.500	Nal'Chik
República da Kalmúkia ou Khalm Tangtch	75.900	Elista
República da Osétia do Norte	8.000	Vladikavkag
República da Chechênia e Ingusétia	19.300	Grosni
República do Dagestan	50.300	Makhechakala

atuaram em guerrilhas, de 1834 até 1859.

Os chechenos e cherkeses seriam submetidos, em 1924, mas ficava entre eles a chama da rebeldia separatista que os levaria a se aliar aos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

O Cáucaso se constitui então em importante objetivo geoestratégico da Alemanha Nazista, procurando evitar que o Exército Vermelho se abastecesse de petróleo. Com a derrota alemã na batalha de Volgogrado, os russos se apoderaram dessa área (1943) que, até os dias atuais, não aceita o governo de Moscou.

A Adigueia, situada no nordeste da Cadeia do Cáucaso, na Planície do Kuban, abriga o povo tcherkesse de religião islâmica que, vítima da colonização russa efetuada na segunda metade do século XIX, havia migrado para o Império Otomano.

Esse povo islâmico acha-se mais circunscrito ao setor de Maykop, sendo minoria na Adigueia (22%), ao lado de 68% de russos e minorias de armênios e ucranianos.

Em julho de 1991, a Adigueia aderiu ao pacto federativo tornando-se uma República da Rússia. Desde então, a maioria eslava vem

criada em janeiro de 1922, associou dois povos: um turcófono, o karatchê, que habitava o norte do Elbruz, o outro, tcherkesse, vivendo nas imediações da atual capital, Batalpachinsk. O primeiro grupo étnico é majoritário (45%) contando o segundo 25%, sendo os cossacos russos a minoria (11%).

Tanto o karatchê quanto o balkar são islâmicos, mas foram instalados pelos russos em entidades geopolíticas distintas. Os primeiros estão na república vizinha, com capital em Batalpachinsk, enquanto os outros estão na República Kabardino-Balkária, com capi-



Mapa 1

tal em Nal'Chik. Os balkars são minoria (9,4%), em face dos 48,2% de kabardos e 31,9% de russos.

Os povos muçulmanos das duas Repúblicas, criadas em 1921 e integradas à Federação Russa em 1991, tiveram que migrar, após o término da Segunda Guerra Mundial, acusados de colaborarem com o Exército alemão. Mas, reabilitados por Krutchev, em 1957, retornaram.

Destaque-se que o processo de russificação procura manter, nessas duas repúblicas vizinhas do Cáucaso, a estrutura triétnica para melhor controle político.

Também acusados de colaboracionistas, os kalmukes migraram e também voltaram reabilitados em 1957.

Diferindo da população islâmica, encontra-se na República da Kalmúkia, membro da Federação Russa, o único povo de língua mongólica e tradição budista. Sua instalação nessa área de estepes teve a finalidade geopolítica de fazer frente aos tatars da Criméia e otomanos.

Na ocasião, os kalmukes eram 35,1% da população contra 55,9% de russo; na atualidade, suplantaram os eslavos, formando um perigoso quisto geopolítico.

Os osétios, descendentes dos alanos são, na área do Cáucaso, o único povo a falar a língua iraniana. Cristianizados no século X, parte deles, sobretudo os instalados no norte, iriam posteriormente aderir ao islamismo (século XVII).

Seu espaço territorial, geograficamente importante por conter uma das raras passagens que atravessavam o Cáucaso, em face da conexão de duas gargantas (Mamisonk/Krestovil) seria dividido, ficando o norte com a Rússia e o sul com a Geórgia.

Entrando em conflito com seus vizinhos inguséti-

os, pretendentes à fixação de fronteiras pelo Rio Terek, em novembro de 1992 a área era declarada em regime de urgência, em face do conflito que estourou e que terminaria com os *Acordos de Pvatigorsk* (janeiro de 1993).

Diferindo dos osétios, o mesmo povo separado por religiões diferentes, os chechenos e ingusétios são etnias vizinhas, consideradas como povo único-vainak pela língua e a idêntica história. Por isso, separados (1921) em duas unidades autônomas, iriam, em 1934, conseguir se reunir geopoliticamente.

A unidade duraria pouco, pois acusados de colaboracionistas, em 24 de fevereiro de 1944 tiveram sua deportação integral para a Ásia Central decretada pelos russos. Suas terras eram, em seguida, repartidas entre os vizinhos, enquanto, no coração da Chechênia era implantada uma região administrativa - o *oblast russo de Grozni* (1946).

A reabilitação dos deportados, o retorno e a implantação da República Socialista Autônoma da Chechênia e Ingusétia seriam obra do governo Krutchev (1957).

Não aceitando o Pacto Federativo de Moscou, a Chechênia/Ingusétia auto-proclama sua independência, em 1990. O ideal separatista iria provocar a guerra (1994-96), com a parcial submissão dessa unidade. A manutenção do movimento guerrilheiro, os ataques terroristas em Moscou e a expansão do movimento para o Dagestan (1999) levaram aos bombardeios de Grozni (setembro). O Governo russo, no entanto, mostrou-se, de início, relutante em aprovar uma operação de invasão, para evitar nova derrota nesse foco de tensão que já alcança a ribeira do Cáspio.

Aí, o Dagestan, membro da Federação Russa, tem o seu topônimo significando *país das montanhas*, e é, por outro lado, cognominado a

montanha *das línguas*, já que dez diferentes idiomas são titulares dessa república membro da Federação Russa, a mais poliétnica de todas, onde separatismos ameaçam a sua unidade territorial. É nela que se encontra um sério problema para o Governo de Moscou, onde os russos são minoria e os autóctones continuam crescendo, chegando a 80% do total.

### TRANSCAUCÁSIA

Enquanto a Ciscaucásia está situada na Europa, a Transcaucásia já fez parte da Ásia. Aí, num segmento inclinado que vai da Abkásia, no Mar Negro, até o Azerbaidjan, no Cáspio, os interesses russos estão frente a frente com os de duas potências islâmicas, a Turquia e o Iran.

Os abkases são dos mais antigos povos do Cáucaso, cujo território, a Abkásia era, na primeira metade do

UNIDADE ADMINISTRATIVA	ÁREA (KM <sup>2</sup> )	CAPITAL
República Autônoma da Abkásia	8.600	Sukhumi
República Autônoma da Adjária	2.900	Batumi
República do Azerbaidjan	86.600	Baku
República da Armênia	29.800	Yerevan
República da Geórgia	69.700	Tbilissi



Mapa 2

século XIX, transformada num protetorado russo. Revoltando-se, em 1866, esse povo seria deportado para a Turquia.

Em 1878, após a guerra entre a Rússia e a Turquia, os russo, armênios e georgianos deram grande e rápido desenvolvimento a essa região banhada pelo Mar Negro, onde os retornados abkases passaram a ser minoria, mas formando grupos compactos em alguns distritos.

Administrada pela Geórgia, que se tornou independente em 1918, a ocupação desta pelos bolche-

vistas iria fazer ressurgir a Abkásia, em 1921.

Com a morte do georgiano Stalin (1953), a Abkásia transformou-se num efetivo instrumento de Moscou para controle das veleidades autonomistas da Geórgia que, por sua vez, não aceita a implantação da República Autônoma da Abkásia (1990), mantendo-se latente, nesse setor do Mar Negro, um foco de tensão.

A luta entre abkases e georgianos (1993) levou para a área tropas de intervenção russas, bem mais coniventes com os primeiros. Tanto assim, que o Governo de Tbi-

lissi impõe, ainda sem obter, o regresso de 250.000 georgianos expulsos da Abkásia, onde eles formam maioria (45%) contra os 14% de abkases.

No Mar Negro, a Adjária depende da Geórgia mas, encravada na Turquia, tem esse país como o protetor dos adjares islâmicos.

Ao contrário dos abkases, os adjares se consideram georgianos de credo muçulmano. No entanto, conquistada em 1878, na Guerra Russo-Turca, a despeito da conversão ao Cristianismo de várias centenas de adja-

res (1989), Moscou pouco tem feito por esse setor rural da República Autônoma que, embora sem sessacionismo, começa a se interessar pela abertura de suas fronteiras com a Turquia. Eis pois, mais um foco latente de confronto entre cristãos e muçulmanos que conseguiu desestabilizar a Iugoslávia na região vizinha dos Bálcans. Deve-se levar em conta que a Turquia saiu-se vitoriosa no Kosovo, onde armava os guerrilheiros albaneses-muçulmanos contra os sérvios cristãos que tinham a simpatia dos russos.

Assim como o Kosovo, a Adjária poderá vir a ser mais um ponto de integração do, já em formação, *heartland muçulmano*.

No limite entre Europa e Ásia, a Geórgia tem posicionamento importante no conjunto do Cáucaso. Essa República é dotada de relevo fortemente acidentado, tendo, no norte e no sul, suas fronteiras constituídas por altas montanhas. No setor oriental, mal protegida pelo terreno plano, foi várias vezes invadida - árabes, persas e otomanos sempre com sua cultura cristã-ortodoxa. No litoral do Mar Negro, perdeu boa parte de

seu litoral com a separação da Abkásia.

Sua história é marcada pela aproximação, separação e anexação por parte de Moscou. Assim, 18 anos após haver assinado um acordo de protetorado com a Rússia, a Geórgia era anexada ao Império dos Czares. Conseguia sua independência em 1918 mas, em 1924, não era capaz de se livrar da invasão bolchevista. Recusando-se integrar a Federação Russa tornava-se independente, em 9 de abril de 1991, para em 1994, voltar ao seio da Rússia, por necessitar do apoio de Moscou em face da guerra civil que destruía o país, já amputado da Abkásia, e a tendência da Osétia do Sul em se unir com a do Norte (1992), complementando-se tudo com o perigo islâmico.

Contrastando com a Geórgia, a República do Azerbaijão, no leste da Transcaucásia abre-se largamente para o Cáspio, sem nenhuma barreira que separe do Iran sua população de azeris muçulmanos, estabelecida em ampla planície.

Dominava o Alto Karabak ou Nagorno Karabak de maioria armênia, cuja separação tentou sufocar, enviando

para lá mudjahedins afgãos, guerrilheiros mercenários.

A incapacidade de conter o avanço armênio provocaria a instabilidade política nos país, contribuindo para a queda de vários chefes de Estado.

A assinatura em Bichkek (Kirguistan), em 9 de maio de 1994, de um cessar fogo negociado sob pressão de Moscou, foi denunciado pelo Governo de Baku como grande traição. Sem falar do Iran, suspeito de simpatizar com a Armênia, a Turquia também decepcionaria por sua atitude de prudência no conflito. Em conseqüência, o Azerbaijão Nakhichevan encravado entre a Armênia, o Iran e a Turquia, iria adquirir grande autonomia, o que contradiz com a grande centralização que caracterizou sempre os governos em Baku.

Os armênios, que falam uma língua indo-européia, converteram-se ao Cristianismo, no século III, formando um vasto império que se estendia da Ásia Menor ao Cáucaso, tendo, de 1064 até o século XIX, vivido sob domínio turco, depois de ter estado entre os romanos e bizantinos. Em conseqüência, a história da Armênia, devastada por invasões e conflitos entre gran-

des impérios do Oriente e do Ocidente irá registrar fases alternadas de independência, dependência e partilha.

Com a expansão russa englobando o Cáucaso, no fim do século XVIII, a Armênia Oriental era anexada, após três décadas de guerras contra a Pérsia (atual Iran) e o Império Otomano. A geoesstratégia de Moscou consistiria então, no século XIX, em se impor, através de desmembramentos sucessivos tentando anular a formação de entidades nacionais homogêneas, foco de intensos autonomistas ou separatistas.

O período que vai de 1914 até 1921 contribuiu para a formação de conflitos étnicos-religiosos, pondo, de um lado, os turcos, curdos e azeris islâmicos contra armênios cristãos. Embora tenham os armênios, nesse período, se aproximado dos russos, seriam, em 1915, deportados para a Síria, enquanto outros eram massacrados, por ordem das autoridades de Istambul, com a participação dos curdos. Essa ação contra os armênios provocou a diáspora, considerada como o primeiro genocídio da era contemporânea.

O *Tratado de Sévres* (1920) concedia a esse povo

uma parte da Grande Armênia subtraída do Império Otomano; mas, poucos meses depois, quando Mustafá Kemal Atatürk criou a Turquia, foram os armênios mais uma vez atacados, sem que os aliados ocidentais nada fizessem. Em 1921, impunha-se aí o domínio russo e a Armênia era transformada numa República Socialista Soviética.

Caberia então ao Governo de Moscou valer-se dessa então pequena república para bons contatos com os árabes do Oriente Médio, com o Iran e países ocidentais, justificando esse fato ter o Corpo Diplomático Soviético contado sempre com a atuação de armênios.

Por um lado, com 94% de nacionais, a Armênia é o país recorde de homogeneidade no Cáspio. Em contrapartida, possui uma das mais dispersas nacionalidades, pois metade dos armênios vive fora do país.

A ocupação russa manteve, entre o Azerbaidjan e a Armênia, dois territórios autônomos, autênticos *quistos geopolíticos* que, desde a década de 1960, vinham provocando reivindicações entre os governos de Baku e Yerevan. O Alto Karabak e o Nackhitchewan eram esses *quistos*, o

primeiro de maioria armênia e o segundo povoado pelos azeris.

Em 20 de fevereiro de 1988, o Alto Karabak era reunido à Armênia que, assim, passava a manter uma cunha em território do Azerbaidjan. Por sua vez, esse país notadamente muçulmano ficava com seu território descontínuo com base no Cáspio, mas com o Nackhitchewan isolado pelo espaço armênio e encravado entre a Turquia e o Iran.

Já a Região de Kars e a do Monte Ararat, ambas na Turquia, como afirmação do nacionalismo armênio, poderão vir a ser objeto de reivindicação por parte do Governo de Yerevan, com fundamento na reconstituição da *Grande Armênia*.

A Armênia, a menor das repúblicas da ex-União Soviética, porém a mais densamente povoada, sem acesso ao mar e cercada por vizinhos de certo modo hostis, se transformou num dilema geopolítico.

Com 90% de seu território situado numa altitude média de 1.800 metros, o Ararat (5.065 metros), símbolo fetiche de sua identidade, como montanha bíblica da Arca de Noé, domina a paisagem de Yerevan, mas

está incluído dentro da fronteira turca.

A Armênia recusou-se participar do *referendum* de união com Moscou (17 de março de 1991), preferindo organizar um plebiscito, no qual os 99% de *sim* levaram-na a se tornar independente, em 21 de setembro de 1991, fora da Federação Russa.

## CONCLUSÃO

No espaço global do Cáucaso, os habitantes da Transcaucásia, para onde as altitudes vão baixando dando lugar a terrenos mais planos, foram submetidos a maior número de invasões, tendo sido local de grandes Estados. Em conseqüência, o macroestatismo foi mais favorecido, pela facilidade em adaptar sua fisionomia cultural e política às inovações.

Foi o caso da Geórgia e do Azerbaidjan, as duas entidades geopolíticas maiores do conjunto, perfazendo ambos um total de 156.300 km<sup>2</sup>, o que, comparativamente, equívale ao nosso Estado do Acre (152.589 km<sup>2</sup>). Mesmo assim, nessas duas repúblicas da Transcaucásia as minorias étnicas nos vários enclaves - Abkásia,

Adjária, Osétia do Sul e Alto Karabak - se constituíram em fontes de fraqueza e de atrito em suas estruturas políticas.

Aí, a Armênia se transformou num *Estado sufocado*, interiorizado, por ter sido um vasto império amputado, hoje num espaço quase que igual ao do nosso estado de Alagoas (27.652km<sup>2</sup>).

A chegada de Mikhail Gorbatchev (1986-90) ao poder inaugurou uma ruptura no sistema fortemente centralizado soviético, dentro da relativa democratização via *perestroika/glasnost*, ocasionando as questões nacionalistas, que até então sufocadas, renascem.

A Geórgia proclama unilateralmente a sua independência, enquanto choques interétnicos surgem no Azerbaidjan causando *pogroms*, ou seja, massacres organizados no Sumgait/Kirovabad (1988) e Baku (1989), inaugurando-se nova era de refugiados (trezentos mil armênios e duzentos mil azeris) no enclave do Alto Karabak. Ante a intervenção russa, não se deve ignorar a competição entre a Turquia e o Iran.

Na Ciscaucásia, mais afetada pelas altas altitudes, os particularistas montanheseis tenderam ao mi-

croestatismo impondo-se às investidas estrangeiras tanto de conquista, quanto de assimilação.

O local de refúgio e obstáculo levou a população montanhosa do Cáucaso a defender sua liberdade, numa pluralidade estatal caracterizada nos estudos de Geopolítica como cantonalismo. É o caso do extremismo na Chechênia-Ingusétia e da ajuda destes aos rebeldes do Dagestan, menor que o nosso Estado do Rio Grande do Norte (530.015km<sup>2</sup>).

Em setembro de 1990, o Presidente Bush falava sobre a implantação de uma *nova ordem mundial*, quando, na realidade, começava a surgir um mundo em desordem.

O desaparecimento do bloco comunista não punha fim às divisões. Elas continuam a subsistir entre os grandes Estados e a periferia dos ditos secundários. Mantinha-se entre os grandes a distinção entre política internacional e política interna, negada aos secundários.

As divisões continuariam a se manter quer em face das desigualdades econômicas, quer nas manifestações reivindicatórias. Terminava a Guerra Fria e começava a *Guerra Trépida* com o estourar dos conflitos regionais.

Foi o caso da Iugoslávia, se desmembrando com a intervenção da OTAN ignorando a ONU, atuação da ação internacional pondo de lado o fator soberania.

A questão do Cáucaso para a Rússia é a de um *império interior* ou, mais precisamente, segundo expressão de Moscou, de *estrangeiro próximo*. A Rússia pertence ao chamado conjunto de *nações responsáveis*, apesar da instabilidade política, e não tem sérias intenções de se expandir além da Eurásia. Tentando restaurar parte de sua hegemonia no Cáucaso, mesmo em se tratando de *direitos-humanos* ou *autodeterminação*, os Estados Unidos vão relutar em um confronto com a Rússia. Isso porque é extremamente difícil lançar forças estadunidenses na Eurásia, como ainda a manutenção da esfera de influência russa sobre essas repúblicas caucásias que sucederam a União Soviética cria maior estabilidade militar, econômica e política para a atual Federação. Conclui-se assim que a hegemonia russa no Cáucaso se assemelha, em conceito, à estadunidense no Ocidente: nenhuma *na-*

*ção responsável* deve tolerar o surgimento de Estados competidores quando esses ameaçavam sua segurança e prosperidade. Na prática porém, o espaço soviético caucásico deixou de ser uma força para se tornar um campo aberto às ambições de Teheran e Ankara, defensoras do islamismo. Como defensora dos muçulmanos contra os cristãos, a Turquia armou o braço guerrilheiro dos albaneses do Kosovo contra os sérvios, parentes ou *estrangeiro próximo* da Rússia.

A *Guerra Trépida* vem sendo perigosa para o equilíbrio internacional com a proliferação das técnicas de aniquilamento maciço, tal como a que ocorre no Cáucaso e a que propiciou a intervenção da ONU em Timor Leste (1999). A mais sangrenta luta de uma república russa soviética pela independência se desenrolou na Chechênia (1994-96), na qual morreram cerca de oitenta mil pessoas, na maioria civis.

De 1991, com a declaração da independência da Chechênia/Ingusétia pelo Presidente Djokhar Dudaev, até 1994, foram pequenos os choques entre re-

beldes e russos. A repressão violenta foi ordenada por Boris Yeltsin com a invasão de quarenta mil soldados. A capital Grozni foi praticamente devastada e, apesar da pressão dos Estados Unidos e da Europa ante a brutalidade do conflito, Moscou não reconheceu a independência da Chechênia/Ingusétia.

A guerrilha não morreu, pois os rebeldes chechenos se refugiaram nas montanhas. Em agosto de 1999, iniciaram-se as operações guerrilheiras chechenas, que agora procura também ajudar os rebeldes no Dagestan.

No entanto, o pivô da questão envolve a rica bacia petrolífera do Mar Cáspio com reservas comprovadas atingindo cerca de vinte milhões de barris<sup>2</sup> que vêm, desde 1991, atraindo as atenções dos Estados Unidos, com o Presidente Bill Clinton, valendo-se da questão da Chechênia, para, após um giro de dez dias pelo sul da Europa, ir até a Turquia. Aí, em Istambul, em 18 de novembro de 1999, assinaram os Estados Unidos, com os governos da Turquia, do Azerbaidjan e da Geórgia, um acordo para a construção de um oleoduto com

<sup>2</sup> Segundo estudos geológicos a região pode ter 200 bilhões, ou seja, o equivalente a produção conjunto do Iran/Iraque.

1.730km, orçado em US\$ 2,4 bilhões e que estará, dentro de três anos, levando o petróleo caspiano, desde Baku até Ceyhar, porto turco no Mediterrâneo. O planejado duto irá eliminar o chamado *gargalo de Moscovo*, ou seja, o que já em ação vai de Baku até Novorossisk, porto russo no Mar Negro, mas que atravessa a conturbada Chechênia.

A nova construção será um alívio para os Estados Unidos, o maior importador de petróleo do mundo, e também para a Europa. Os ocidentais são obrigados, na atualidade, a ações, inclusive militares, para garantia de seus suprimentos no Golfo Pérsico e de dependência da instável Federação Russa, e ainda do potencialmente hostil Iran, para ter acesso ao petróleo do Mar Cáspio. A geoestratégia ocidental não descarta a construção de um gasoduto submarino ligando o porto de Turkmenbashi, no Turquestan, até Baku, seguindo daí, por terra, até Batumi, na Geórgia.

Os novos dutos para gás e petróleo, por certo indicam que a antiga área de influência de Moscou irá

mudar de dono, passando para Washington. Por outro lado, facilitará aos ocidentais o acesso ao Cáspio como alternativa geoestratégica à dependência do volátil<sup>3</sup> fornecimento do Oriente Médio, o que a Arábia Saudita, por ser o primeiro produtor mundial de petróleo, não vê com bons olhos.

Concomitantemente, em novembro de 1999, reunia-se em Istambul a OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa)<sup>4</sup>, integrando 54 Estados-membro incluindo repúblicas da antiga URSS na Ásia Central, além dos Estados Unidos e do Canadá.

Na *Sessão Plenária da Reunião de Cúpula da OSCE*, em Istambul, a Federação Russa foi criticada pelos ataques que vem fazendo à Chechênia, levando Boris Yeltsin a deixar claro que não aceitaria interferências na política interna de seu país, do qual a região revoltada faz parte. Aí, afirmou o presidente russo, a ação militar tem pôr objetivo *pôr fim à praga do terrorismo e evitar que este se propague como metástase pelo norte do Cáucaso*. Lem-

brando a questão do Kosovo, criticou *o estranho conceito de ingerência humanitária internacional em determinados países, onde milhares de refugiados foram escoraçados de suas cidades não só pela ação das forças sérvias, mas também pelos bombardeios da OTAN*.

Reafirmando sua soberania sobre a Chechênia e a legitimidade da luta contra os separatistas que classifica como terroristas, Yeltsin aceitou a tese de que a OSCE venha a atuar em conflitos internos, desde que esses ameacem a segurança nacional.

Em Istambul, foi aceita a *Carta de Segurança da Europa*, prevista para estar em operação até junho do ano 2000 por uma força de intervenção civil agrupando contingentes de rápida mobilização de policiais, administradores e juizes.

Além do *Tratado de Forças Convencionais* (TFC), que tem por objetivo limitar o uso de armas bem como sua concentração em regiões de fronteiras, a *Declaração de Istambul* prega maior respeito aos padrões democráticos e direitos humanos no Kosovo, Croácia

<sup>3</sup> No Oriente Médio a maioria dos oleodutos estão fechados por causa de desavenças entre os países.

<sup>4</sup> Esta substituiu em 1995 a CSCE (Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa) criada por 35 países na Finlândia (Helsinque) em 1975.

e Bielarus, obtendo a promessa russa de reduzir suas tropas na Geórgia e da retirada total de seu contingente na Moldávia até o ano de 2002.

Assim como vários tratados estão ainda à espera de ratificação,<sup>5</sup> o TFC poderá vir a ser mais um deles, pois Moscou já deixou claro não estar disposto a aplicar os Acordos de Istambul ao pé da letra, enquanto Clinton

anunciava que não enviará o documento para ratificação do Senado, enquanto Yeltsin não reduzir as tropas que mantém no norte do Cáucaso.

Conclui-se, assim, que a *Pax Americana* está em terreno minado, pois o reequilíbrio regional do Cáucaso é precário. Isso porque dois pólos diferentes se contra-põem na área - de um lado os Estados Unidos/Turquia,

do outro Federação Russa/Iran. Sabendo-se que Moscou/Teheran se opõem frontalmente a manobra do ocidente de estabelecer um corredor de países aliados desde a Turquia até a China, com populações nômades aparentadas com turcos e iranianos dentro de suas fronteiras, o Primeiro-Ministro chinês Zhu Rongji já declarou que a China não precisa ser amada e sim respeitada. 

<sup>5</sup> O Senado dos Estados Unidos rejeitou o Tratado de Proibição de Testes Nucleares, enquanto o Parlamento Russo vem adiando a aprovação do START II, ou seja, o Tratado de Redução de Armas Nucleares.

### BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Bevin. *A Guerra do Futuro*. Biblioteca do Exército Editora. Rio, 1999.
- CHALIAND, Gérard e REGEAU, Jean Pierre. *Atlas Strategique (Géopolitique des nouveaux rapports de forces dans le monde)* - Éditions Complexe. Paris.
- JOYAUX, Francis. *Encyclopédie de l'Europe* - Seuil. Paris, 1993.
- JOYAUX, Francis. *L'Année Internationale (Annuaire Économique et Politique Mondial)* - Seuil. Paris, 1993.
- LACOSTE, Yves. *Dictionnaire de Géopolitique* - Flammarion - Paris, 1993.
- LEMARCHAND, Philippe - *Atlas Géopolitique du Moyen Orient et du Monde Arabe (Le Croissant des Crises)* - Éditions Complexe. Paris, 1994.
- MARENCHES, Atlas Geopolitique. Stock. Paris, 1998.
- PARMENTIER, Guillaume. *Le Retour de l'Histoire (Stratégie et Relations Internationales pendant et après la Guerre Froide)* - Editions Complexe. Paris, 1993.
- SENARCLENS, Pierre de. *La Politique Internationale*. Armand Colin. Paris, 1992.
- ZORGBIBE, Charles. *Chronologie des Relations Internationales depuis, 1945* - Press Universitaires de France. Paris, 1991.
- \_\_\_\_\_. *L'Après - Guerre Froide en Europe* - Presses Universitaires de France. Paris, 1993.